
Jornais Católicos no Maranhão: o caso do Jornal do Maranhão da Arquidiocese de São Luís¹

Ricardo Costa ALVARENGA²
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

No presente artigo apresenta-se os principais jornais católicos que circulavam em São Luís, com foco para o Jornal O Maranhão e Do Maranhão. O percurso metodológico prevê a utilização de pesquisa bibliográfica, para tanto, toma como referencial teórico as reflexões de Marialva Barbosa (2005), Nelson Werneck Sodré (2011), Alvarenga (2016), Antonio Lopes (1959), Joaquim Serra (2001) e Dorivan Ferreira Lima (2019), de modo a contribuir para as reflexões sobre os 200 anos história da imprensa no Maranhão, destacando os jornais católicos que circularam e que ainda circulam sob a batuta da Arquidiocese de São Luís do Maranhão, instância máxima da hierarquia católica na região.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; História da Imprensa no Maranhão; Jornais Católicos; Comunicação e Religiões; Arquidiocese de São Luís.

INTRODUÇÃO

As pesquisas que se ocupam do tema da memória têm crescido exponencialmente nos últimos anos dentro do campo de estudos das Ciências da Comunicação, ainda que um movimento semelhante pode ser identificado em outros campos do conhecimento. Em alguns casos, esses estudos dedicam-se a releituras de textos de referência, de documentos históricos, possibilitando desta forma a formulação de novas reflexões e abordagens.

Neste sentido, percebe-se uma estreita relação entre o debate sobre memória e os estudos acerca da história do jornalismo impresso no Brasil. Por isso, o presente estudo de caso resgata e sistematiza dados e informações sobre os principais jornais católicos que circularam em São Luís, entendendo-os como elementos que corroboram no processo de construção de uma memória para a história do catolicismo na capital maranhense.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religiões, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Especialista em Comunicação Organizacional pela Universidade Estácio de Sá. Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Estácio de São Luís. Professor e Pesquisador Visitante no Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão - Campus Imperatriz pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão, e-mail ricardocalvarenga@gmail.com.

Portanto, o objetivo central é apresentar os principais jornais católicos que circulavam em São Luís, com foco para o *Jornal O Maranhão* e *Do Maranhão*. Tal objetivo se desenha a partir do enunciado interrogativo que norteia o desenvolvimento deste estudo de caso, quais os nomes, características e períodos de circulação dos jornais produzidos pela Arquidiocese de São Luís³ ao longo dos anos?

Como caminho para alcançar tais propostas foi delineado um percurso metodológico que prevê a utilização de pesquisa bibliográfica e pesquisa histórica na construção do referido texto, que por sua vez tem como base a proposta do estudo de caso que, segundo Luís Mauro Sá Martino, “[...] é a pesquisa feita a partir da análise de uma situação, escolhida a partir de critérios definidos, para responder às perguntas propostas nos objetivos do trabalho” (2018, p.150).

Ainda sobre aspectos relativos ao estudo de caso, Sá Martino advoga que é indispensável conhecer diversos âmbitos do caso em questão para que seja possível compreender o contexto histórico, suas possíveis transformações, características e dinâmicas do caso em foco. “Em geral, Estudos de Caso são utilizados para conseguir evidências particulares a respeito de uma situação para compreender um fenômeno mais geral” (2018, p.153).

Assim, o presente estudo de caso sobre os jornais católicos produzidos pela Arquidiocese de São Luís possibilita uma compreensão mais ampla do contexto acerca da história da imprensa no Maranhão. Desta forma, propomos uma estruturação do texto em três tópicos, onde serão discutidos aspectos relacionados a relação entre memória e jornalismo até informações específicas sobre os jornais em questão. No primeiro tópico apresentamos o debate sobre imprensa, memória e história, tomando como base os estudos de Marialva Barbosa (2005) e Nelson Werneck Sodré (2011)⁴.

O segundo tópico do texto traz elementos do debate sobre a relação da Igreja Católica com os meios de comunicação, para tanto recorreremos a Alvarenga (2016); tratamos ainda neste tópico das informações sobre os principais jornais católicos em São Luís, para tal revisitamos escritos sobre os jornais produzidos pela Arquidiocese de São

³ Sobre a Arquidiocese de São Luís é importante destacar que o seu surgimento tem data em 30 de agosto de 1677, ainda como Diocese de São Luís. A criação desta diocese aconteceu pela Bula *Super Universas Orbis Ecclesias*, do Papa Inocêncio XI. Somente em 2 de dezembro de 1921 ela foi elevada à Arquidiocese de São Luís, por decreto da Sagrada Congregação Consistorial.

⁴ A referida obra foi publicada pela primeira vez em 1966.

Luís, bem como os estudos feitos por Antônio Lopes (1959), Joaquim Serra (2001) e Dorivan Ferreira Lima (2019).

Desta forma, o presente estudo de caso busca somar-se a outras reflexões sobre a história da imprensa no Maranhão, destacando os impressos católicos *Jornal O Maranhão* e *Do Maranhão* que circularam e que ainda circulam sob a batuta da Arquidiocese de São Luís do Maranhão, instância máxima da hierarquia católica na região.

IMPrensa, MEMÓRIA E HISTÓRIA

Para que se possa compreender a relação entre jornalismo, memória e história é necessário levar em consideração as diferenças entre os conceitos de memória e história dentro do contexto dos estudos de jornalismo na perspectiva da construção de uma memória para a história deste campo e prática. De acordo com Barbosa (2005) é preciso enfatizar essas diferenças, pois a memória “[...] é um conceito, tecido nas disputas e diálogos com que inúmeros autores desde o século XIX tentam dar conta da complexa teorização em torno de uma problemática importante para diversos campos do conhecimento” (p.107).

A partir disso, é importante compreender que o entendimento sobre a história estaria, por outro lado, ligado a definição de “[...] um campo de conhecimento, uma disciplina, uma prática, uma escrita [...] uma escrita com função simbolizadora que permite a sociedade situar-se, abrindo espaço para o próprio passado” (BARBOSA, 2005, p.107).

Seguindo a reflexão da autora, percebemos que a memória está diretamente ligada à experiência vivida e que se configura como produto da dialética lembrar e esquecer, e a história está relacionada ao processo constante de desconstrução que acontece através das interpretações, críticas e análises que apontam as tensões e diferenças. É nesta linha que se justifica o debate do conceito de memória e história no contexto dos estudos sobre jornalismo e imprensa, pois “[...] ao selecionar o que deve ser notícia e o que vai ser esquecido, ao valorizar alguns elementos em detrimento de outros, os meios de comunicação reconstroem de maneira seletiva o presente” (BARBOSA, 2005, p.108).

Desta forma, podemos entender a imprensa como elemento construtor da memória e influenciador da história operando como fixadora do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido no futuro. Por isso a relevância dos estudos sobre a história da

imprensa, pois é necessário compreender a história como um processo complexo, onde é possível identificar as relações sociais e culturais engendradas.

Sodré (2011) em sua obra *História da Imprensa no Brasil*, publicada pela primeira vez em 1966, aponta alguns elementos que favorecem o entendimento sobre essa relação intrínseca entre história e imprensa, particularmente no que tange o desenvolvimento da imprensa e do capitalismo na sociedade.

Um primeiro ponto de destaque na reflexão do autor está justamente no fato de a história da imprensa estar diretamente ligada a história do desenvolvimento da sociedade capitalista. “O controle dos meios de difusão das ideias e de informações – que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que aquele está inserido” (SODRÉ, 2011, p.13).

O segundo ponto de destaque é precisamente a corrida para a revolução nas técnicas de imprensa, que foi iniciada em 1814, na Inglaterra, quando o *Times* “[...] utilizou a máquina a vapor na sua impressão” (SODRÉ, 2011, p.15). Esse momento marca o importante processo de redução de custo e de aceleração da circulação de informação através dos produtos impressos. De acordo com o autor, esse contexto deixa ainda mais nítida a relação entre o desenvolvimento da imprensa e o desenvolvimento do capitalismo.

O desenvolvimento das bases da produção em massa, de que a imprensa participou amplamente, acompanhou o surto demográfico da população ocidental e sua concentração urbana; paralelamente, produção ascensional provocou a abertura de novos mercados, a necessidade de conquistá-los conferiu importância à propaganda, e o anúncio apareceu como traço ostensivo das ligações entre imprensa e as demais formas de produção de mercadorias (SODRÉ, 2011, p. 15).

Como terceiro ponto de destaque é possível elencar as lutas entre a informação e a opinião; e entre a opinião e a publicidade. Essas questões impactam diretamente na construção da história, afinal, trata-se de elementos constituintes do conteúdo dos jornais, particularmente o embate com a publicidade, que deve ser entendida neste contexto como a forma organizada que a propaganda assumia. “Mas a realidade é que o anúncio tinha papel secundário, sendo grande a resistência dos profissionais da imprensa ao seu avanço gráfico, que temiam como séria ameaça a valores éticos peculiares ao capitalismo de concorrência” (SODRÉ, 2011, p. 17).

À medida que se estreitava cada vez mais a relação entre imprensa e capitalismo era necessário que a produção fosse ampliada para atender as demandas do contexto.

Assim surgem, ao longo dos anos, tecnologias que tornam os processos de impressão cada vez mais rápidos e eficientes. Desta forma é possível perceber que temos dois momentos que marcam as formas de produção da imprensa: artesanal e industrial, sendo essa última mais recente.

É neste contexto fortemente marcado por relações e implicações sociais, culturais e econômicas que se desenvolve a imprensa no Brasil. Como aponta Barbosa (2005), os meios de comunicação tornam-se espécies de senhores da memória da sociedade, “[...] ao legitimar o acontecimento, divulgando-o e tirando-o de zonas de sombras e de silêncio, impõem uma visão de mundo que atua outorgando poder” (p.109).

JORNAIS DA ARQUIDIOCESE DE SÃO LUÍS

Partindo da reflexão apresentada no tópico anterior sobre a relação entre imprensa, memória e história é possível observar a importância de tais aspectos para a construção de uma história da mídia impressa no Brasil; os contextos apresentados também favorecem a compreensão acerca do interesse da Igreja Católica em utilizar os meios técnicos de comunicação para suas atividades religiosas. A relação da Igreja com a Comunicação é marcada por altos e baixos, porém de modo geral a instituição percebe a importância e relevância do uso dos meios para justamente ampliar o seu alcance, afinal essa era a tônica que permeava suas práticas.

Na Arquidiocese de São Luís do Maranhão o processo não foi diferente. Ao perceber a potencialidade do uso da mídia impressa, a instituição buscou articular a criação de veículos que pudessem atuar como porta-vozes da Igreja na região. No decorrer de toda a sua história, a Igreja Católica em São Luís já possuiu diversas publicações, como jornais e boletins. Essas publicações funcionavam como veículos de informação da instituição entre os seus fiéis.

De modo geral, as publicações católicas, sejam jornais, livros e documentos acabam atuando como ferramentas para moldar e formar a opinião pública sobre os mais diversos temas. Quando olhamos para o processo histórico da relação Igreja-Comunicação é possível identificar quatro fases⁵ que ajudam a delinear a fisionomia da

⁵ O estudo destas fases foi aprofundado na dissertação de mestrado defendida em 2016 na Universidade Metodista de São Paulo, sob o título “A comunicação da Igreja Católica no Brasil: tendências comunicacionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil” orientada pelo Prof. Dr. José Marques de Melo no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social.

instituição a caminho da comunicação: Censura e Repressão; Aceitação Desconfiada; Deslumbramento Ingênuo; e Reviravolta.

Com base no estudo dessas fases é possível perceber que a Igreja Católica, ao longo de sua história, viveu momento de distanciamento e de proximidade com os meios de comunicação. Particularmente sobre as publicações impressas, a posição da instituição em um primeiro momento era de censura e repressão, que tinha como justificativa a preocupação com a influência que os conteúdos destas publicações poderiam gerar nas pessoas.

O discurso da Igreja Católica neste período era sempre permeado de uma lógica de controle, que ia da própria aquisição de conhecimento à capacidade de escolha das pessoas. Em trechos como o mencionado abaixo, percebemos o quanto a instituição estava preocupada com o avanço e a difusão das obras impressas pelo mundo (ALVARENGA, 2016, p. 28).

Apesar desta postura dura com relação às publicações impressas, a Igreja Católica com o passar dos anos começa a perceber que o uso dos meios de comunicação poderia potencializar o alcance de sua mensagem, assim podemos perceber um processo lento de abertura para a utilização de tais meios técnicos. O que gera o surgimento de diversas publicações católicas por todo o mundo. Munidos dessa breve análise conjuntural sobre a relação da hierarquia católica com os meios de comunicação, podemos voltar os olhares para os principais jornais da Arquidiocese de São Luís.

Dentre as diversas publicações católicas que circularam no território da Arquidiocese de São Luís destacam-se em estudos e publicações históricas os jornais: *O Eclesiástico*; *O Cristianismo*; *Eclesiástico Independente*; *A Civilização e Boa Nova*; *O Paiz*; *A Fé*; *O Correspondente*; *O Maranhão*; *Do Maranhão*.

A identificação destes jornais só possível graças a pesquisa feita junto às obras clássicas sobre a temática, como: *Sessenta anos de Jornalismo – A Imprensa no Maranhão* (2001)⁶, de Joaquim Serra, publicada originalmente em 1833, *História da Imprensa no Maranhão* (1959), de Antonio Lopes; *O positivismo na Imprensa Maranhense* (1982), de Angel Vega Rodríguez e *Os primeiros jornais do Maranhão* (1986), de Clóvis Ramos.

⁶ A referida obra foi publicada pela primeira vez em 1833.

Para esse estudo de caso vamos direcionar a atenção para os jornais *O Maranhão* e *Do Maranhão*, que se constituem pelos registros como as publicações mais recentes capitaneadas pela Arquidiocese de São Luís. De acordo com a pesquisa desenvolvida por Dorivan Ferreira Lima⁷ (2019), o *Jornal O Maranhão* foi publicado pela primeira vez em 1936, sendo considerado como publicação oficial da Arquidiocese de São Luís no ano de 1937, por Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta.

A trajetória desta publicação é marcada por períodos de circulação e de suspensão de suas edições, o que nos possibilita sistematizar três fases da publicação católica, que no decorrer de sua trajetória passou inclusive por uma mudança de nome. A primeira fase, que resolvemos chamar de Início da Publicação, corresponde a um período que vai do ano de 1936 até 1951, momento inicial do *Jornal O Maranhão*. Essa publicação passou a ser diária em 1º de janeiro de 1938, tendo sua última edição circulado em 30 de dezembro de 1951 (LIMA, 2019).

Na segunda fase, denominada Retomada e mudança do nome, identifica-se o retorno da publicação agora com o nome de *Jornal Do Maranhão*. “Em 29 de setembro de 1957, este periódico reaparece, com um novo nome, *Jornal do Maranhão*, ano XIX, nº 1.218, com oito páginas, duas cores e gravuras, com tiragem semanal de dois mil exemplares” (LIMA, 2019, p. 33). Essa fase dura de 1957 até 1971, quando ocorre a segunda suspensão da publicação.

De acordo com o relato de Mario Cella o jornal era produzido naquele contexto com bastante dificuldade, porém o jornal contava com a colaboração na produção de textos para a edições. Cella também relembra aspectos relacionados a infraestrutura e dinâmica de trabalho no jornal naquela ocasião.

E nós criamos um gabinete embaixo da escada da Cúria, aquela escada bonita. Ali embaixo botei umas divisórias e fiz aí o escritório. Lá que recebíamos as pessoas, os jornais, as matérias. Lá que redigíamos e eu tinha expediente praticamente em 70/71, quando fechou o Seminário, praticamente só lá e na Universidade à noite. Então eu passava o dia praticamente redigindo algumas matérias pequenas e o professor Dr. Pedro Leonel, que mandava os editoriais o arcebispo mandava também. O Carlos Nina me ajudava a redigir. Ele já redigia bem. Essas são as pessoas. E o meu trabalho era muito na rua (CELLA, 2019 apud LIMA, 2019, p. 39).

⁷ O estudo foi desenvolvido no âmbito do Curso de Graduação em Jornalismo, no Centro Universitário Estácio São Luís, sob a orientação do Prof. Dr. Ricardo Costa Alvarenga e defendido em 2019, sob o título *O Jornalismo Católico na Arquidiocese de São Luís: o retorno do Jornal do Maranhão*.

Após o seu retorno em 1957, o *Jornal Do Maranhão* sofreu com os impactos do contexto de instabilidade política e social do início da década de 1970, com a Ditadura Civil Militar. Esse é o contexto que marca a segunda suspensão da publicação, que na época estava “[...] sob a direção de Pinto de Carvalho, secretariado por Carlos Nina. Nessa fase, o último exemplar que se tem notícia, foi o número 3.814, ano XXXVI, datado de janeiro de 1971” (LIMA, 2019, p.33).

O regime ditatorial instalado no Brasil interferia diretamente nas dinâmicas das atividades da Igreja Católica em São Luís e conseqüentemente em suas publicações, como relembra Mário Cella, em seu relato a Lima (2019).

Eu redigia pequenas notícias. Recebíamos sempre de um cara da Polícia Federal a orientação de não falar em determinadas matérias. Ele vinha com um papelzinho azul batido à máquina, como se dizia naquela época: “É proibido falar em Dom Hélder Câmara que vai receber um prêmio na Suécia”. Eu às vezes não sabia, era ele que me comunicava. Certa vez eu disse: “se eu publicar, o senhor resolve”. Era a censura. Vinha um rapaz, que era depois um acadêmico de Direito, que eu conheço ainda esse rapaz. Vinha e proibia. Eu e Carlos Nina brincávamos principalmente quando prenderam dois padres. Foi uma coisa muito engraçada. A produção era de linotipia. Não era fotolito. Era o clichê. Quando prenderam os padres que não podíamos falar sobre os padres, nós pegamos dois jogadores do Sampaio de 1930 e botamos lá, no lugar dos padres. As velhas da Igreja de Santo Antônio me disseram: “Padre Mário, o que foi, por que esses jogadores?” Eu respondi: “Esses jogadores representam outros dois seres humanos” (CELLA, 2019 apud LIMA, 2019, p. 34).

Foram diversas as situações de conflito entre a Igreja Católica e o comando da Ditadura Civil Militar. Padres e leigos tiveram seus nomes registrados nas fichas da Delegacia de Ordem Política Social (DOPS) e a própria Rádio Educadora, veículo de comunicação da Arquidiocese de São Luís, também sofreu com todo esse contexto. Certamente entre os motivos da segunda suspensão da publicação católica está a situação provocada pela estrutura ditatorial dos militares e a perseguição a membros da Igreja, além de problemas de ordem financeira que inviabilizaram a continuidade do jornal.

O *Jornal Do Maranhão* segundo as memórias de Cella destacava-se por buscar ao máximo manter uma postura livre para abordar os mais diversos temas, apesar do contexto complexo da Ditadura Civil Militar. “O jornal sempre teve uma função muito importante. É difícil para mim dizer o que especificamente era mais tratado em uma

matéria ou em uma área. Agora a postura ética, a postura livre, consciente, responsável todos os articulistas tinham” (CELLA, 2019 apud LIMA, 2019, p. 43). Inclusive ao mencionar os articulistas é importante destacar que nomes como Nauro Machado e José Chagas importantes nomes maranhenses publicavam poesias no periódico católico.

Somente após 38 anos de suspensão é que acontece a retomada da publicação histórica. Reconhecemos esse como o início da terceira fase, que tem seu marco no ano de 2009, sendo intitulada de Retorno da Publicação, o que só foi possível devido ao interesse do “[...] novo Arcebispo Metropolitano de São Luís, Dom José Belisário que juntamente com um grupo de pessoas comprometidas com o ideal da informação por meio da leitura resgatam a publicação deste periódico” (LIMA, 2019, p. 34). Acerca da retomada da publicação, Dom Belisário comenta sobre alguns dos objetivos que impulsionaram esse processo.

Olha, eu confio muito na imprensa escrita, embora leve em consideração que hoje nós temos que dar muita importância também aos meios digitais. Porém, eu acho que a imprensa escrita ela marca um pouco mais as questões, sublinha um o que deve ser sublinhado. A comunicação digital é muito genérica, muito vaga, muito rapidamente ela desaparece e é um mundo também onde muitas pessoas dão opiniões diversas. Então as opiniões não são tão importantes, ao passo que quando você escreve, aí sim há uma certa importância porque você não pode negar o que escreveu (BELISÁRIO, 2019 apud LIMA, 2019, p. 34).

Com a retomada em 2009, o *Jornal Do Maranhão* passou a circular mensalmente por 15 municípios que juntos compõem o território geográfico da Arquidiocese de São Luís, sendo eles: Axixá, Bacabeira, Cachoeira Grande, Humberto de Campos, Icatu, Morros, Presidente Juscelino, Paço do Lumiar, Primeira Cruz, Raposa, Santa Rita, São José de Ribamar e São Luís. Desta forma o jornal atua como órgão oficial de guarda da memória da Igreja Católica na região, tendo em vista que a produção dos seus conteúdos atualmente é feita majoritariamente por conteúdos enviados por voluntários que atuam na Pastoral da Comunicação das diversas paróquias da arquidiocese.

Com a retomada do Jornal a publicação passou a ser mensal e mantém-se sob a condução de um Conselho Editorial que é formado por membros escolhidos pelo arcebispo de São Luís. Desde 2009 o *Jornal Do Maranhão* já contou em sua equipe de produção e condução os seguintes profissionais: Bento Leite, Ariana Frós, Pe. Gutemberg de Sousa Feitosa, Paulo Victor e Talita Dias.

O principal jornal da Arquidiocese de São Luís aborda em suas páginas questões ligadas a temas da Igreja Católica e temas de interesse da sociedade maranhense. Para Dom José Belisário, que atua como principal membro do Conselho Editorial do jornal desde 2009 até o presente momento, a publicação precisa falar com o mundo, com a sociedade.

Hoje em dia o jornal tem caminhado um pouquinho para se direcionar primariamente ao público interno, digamos assim. E a parte quando a gente começou o jornal eu queria mais e quero até hoje, me disponho realmente a falar com o mundo, mundo social, do Maranhão. O jornal na época de 60 para 70, ele tinha uma presença significativa, primeiro porque era semanal e ele era um jornal de opinião, então isso mexia muito com as pessoas, com as opiniões dos partidos políticos (BELISÁRIO, 2019 apud LIMA, 2019, p.43).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode perceber as publicações impressas ocupam lugar de destaque dentro do contexto do relacionamento entre a Igreja Católica e os meios de comunicação. Apesar de seus momentos de fechamento e recusa do uso dessas ferramentas, a instituição percebe no próprio desenvolvimento da sociedade a necessidade de lançar mão destas tecnologias.

Neste sentido fica nítida a relevância da comunicação impressa para o desenvolvimento da sociedade. Ao observarmos a diversidade de jornais de cunho católico que circulavam na Arquidiocese de São Luís é possível perceber o quanto essas publicações exerciam um papel fundamental na formação da opinião pública e na própria construção da memória e da história da Igreja neste território.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Ricardo Costa. **A Comunicação da Igreja Católica no Brasil: tendências comunicacionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**. 2016. 232 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

BARBOSA, Marialva. Jornalismo e a construção de uma memória para a sua história. IN: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sonia Virginia. **Comunicação, acontecimento e memória**. Intercom: São Paulo, 2005.

LIMA, Dorivan Ferreira. **O jornalismo católico na Arquidiocese de São Luís**: o retorno do Jornal do Maranhão. 2019. 71 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Centro Universitário Estácio São Luís, São Luís.

LOPES, Antônio. **História da imprensa no Maranhão** (1821-1925). Departamento de Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1959.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de Pesquisa em Comunicação** – projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2018.

RAMOS, Clóvis. **Os primeiros jornais do Maranhão** (1821-1830). Maranhão: SIOGE, 1986.

RODRIGUEZ, Angel Vega. **Crítica ao Positivismo na Imprensa Católica Maranhense**. São Luís: SECMA, 1982.

SERRA, Joaquim. **Sessenta anos de jornalismo**: A imprensa no Maranhão. [1883]. 3.ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. [1966]. Edição Especial. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.